Anselmo Luiz Bonaldi Betiol

A ÚLTIMA BATIDA

e outros escritos

Para Ana, Andrea, Audrey, Carol, Cláudia, Ederson, Fernanda, Ingra, Jeferson, Júnior, Karen, Laura, Letícia, Mariana O., Mariana T., Marília, Marisa, Marta, Moisés, Nathália, Patrícia, Patrick, Renata, Sendy, Victor C., Victor M., Stephanie, Telma, Thaís, Tristana e Zago.

Anselmo Luiz Bonaldi Betiol

A ÚLTIMA BATIDA

e outros escritos

Itapira/Jacutinga
2024

Nota do autor

Quinta-feira, 29 de agosto de 2024: ainda sob os efeitos de todo reforço positivo recebido após minha apresentação de ontem no sarau da 2ª Semana da Psicologia, realizada pelo Centro Universitário de Itapira (cidade com a qual, devido a fatores logísticos e nostálgicos, divido meu coração com a pacata Jacutinga) e onde estou prestes a concluir minha formação como Psicólogo, resolvi, finalmente, compilar todos os meus escritos desde a publicação de O Vulto & Outras Histórias, em 2013.

Para minha surpresa (achei que não tivesse "rendido" tanto nesse meio tempo, devido a vários infortúnios) ao finalizar o garimpo dos textos que nunca deixei de publicar virtualmente, me deparei com nada mais, nada menos do que o DOBRO de páginas do anterior!

Dedico este livro aos colegas heróis da 1ª Turma de Psicologia UNIESI que chegaram até o fim da Saga do Tridente (símbolo da Psicologia) comigo: éramos em cerca de sessenta alunos quando o curso começou, dia dezoito de fevereiro de dois mil e vinte. Agora, enquanto escrevo isto, somos dezenove.

Também dedico as páginas que virão a seguir para todos os professores, supervisores e coordenadores que compartilharam seus

conhecimentos (e testaram suas paciências) comigo ao longo desses quase cinco anos.

Por fim confesso, sem pudor, que me vali de inteligências artificiais para este projeto: na criação da capa e na correção ortográfica de alguns textos. No mais, assumo total responsabilidade por qualquer desumanidade ao longo da leitura (a qual espero que seja prazerosa) – e, como atiro em várias direções na minha escrita, uma vez ou outra eu acabo acertando o alvo!

A última batida

Em algum lugar da vizinhança, uma criança cola cartazes de PROCURA-SE, sem imaginar que nunca mais verá sua gatinha novamente. Uma velha interrompe sua oração ao sentir um cheiro estranho vindo da cozinha. Um casal faz amor desajeitadamente para aproveitar o horário de almoço. Um rapaz rasga a foto da ex-namorada. Uma garota sorri ao ver o resultado do vestibular na internet. Uma cigarra canta. Uma moto barulhenta corta o bairro. O carteiro bate palmas pela última vez e desiste. Um idoso lava as mãos após defecar. Uma professora corrige trabalhos online. Um ovo eclode, num ninho no topo da árvore mais alta da praça. Envenenado, um rato agoniza num cano na sarjeta. O gari xinga quando o saco de lixo se rompe. Um carro acelera na descida. O marido chuta a barriga da esposa grávida. Três adolescentes dividem um baseado. Um viúvo se embriaga com vodca vagabunda. Uma ex-fumante acende um cigarro depois de sete anos. Um cachorro descansa na sombra. Uma folha se desprende do arbusto. Alguém se apaixona. Um coração dá sua última batida.

Divagações (a)temporais

Nada como observar a ação do tempo sobre a existência. A bem dizer, o que é o tempo? Uma força superior dotada de inteligência e responsável por colocar os pingos nos “I’s” sobre tudo o que acontece? O destino, fazendo com que o que é seu chegue até você na hora certa, ou arrancando, sem dó nem piedade, o que você acha que lhe pertence das suas mãos? Um aliado? Um inimigo? Talvez ele (o tempo) seja tudo isso e muito mais. Talvez não. Existe a possibilidade de isso que chamamos convenientemente de TEMPO e achamos que está passando neste exato momento, bem debaixo do nosso nariz, nem ao menos exista, e quem na verdade esteja passando sejamos nós - cada dia mais velhos, sem saúde e de cabeças duras, a caminho do final inevitável. O que eu já percebi é que qualquer que seja a sua crença, em algum momento você terá aquilo que merece, seja lá isso bom ou ruim para você. Mas isso, só quem vai dizer, é o tempo. Ou não...

Travesseiros

Se você está só e vai terminar a noite de sexta agarrado(a) com seu travesseiro, não esquente: eu conheço travesseiros que são melhores companhias do que muita gente por aí!

Conhecer ou não conhecer...
eis a questão!

- Você conhece Fulano?
- Não.
- Ô louco... conhece sim.
- Não conheço.
- Conhece!
- Não, não conheço...
- Conhece sim. Ele é vizinho da Sicrana. Vai me dizer que não conhece a Sicrana também?
- Também não conheço...
- Conhece sim, é que você não está se lembrando agora.
- Não, eu não conheço mesmo, nenhum dos dois.
- Conhece.
- Não conheço.
- Conhece sim. Eles moram perto da Fulana.
- Ah, essa eu sei quem é!
- Tá vendo? Se você conhece ela conhece os outros dois também.
- Não conheço.
- Conhece.

E a história se alonga, até que você finalmente resolve mentir que conhece as figuras mencionadas e a besta que estava falando com você não se lembra o que ia contar.

O louquinho

Era uma vez um louquinho que andava pela cidade sempre feliz e saltitante, repetindo "Eu vô... eu vô... eu vô...".

A única coisa que o louquinho falava era isso.

Perguntavam-lhe as horas e ele respondia: "Eu vô... eu vô... eu vô...".

Queriam saber onde ele morava, e eis a resposta: "Eu vô... eu vô... eu vô...".

Um belo dia o louquinho passou perto de um cara que não estava nos seus melhores dias repetindo "Eu vô... eu vô... eu vô...", e o sujeito - tomado por um acesso de fúria repentino - berrou para o louquinho: "NÃO VAI NADA! SEU LOUCO!".

A partir desse momento a vida do louquinho mudou. Depois desse dia ele só era visto andando cabisbaixo por aí, repetindo sem parar "Eu num vô... eu num vô... eu num vô...".

O padre

LUCIF...

O garoto com a lata de spray preto terminava sua pichação na parede de pedra do lado de fora da Igreja Matriz da pequena e pacata cidade onde vivia.

- Anda logo... acho que ouvi um barulho - sussurra outro rapaz, de costas para ele, responsável por vigiar a viela que cortava a lateral do edifício.

- Tá quase, tá quase... Pronto!

Ambos se afastam um pouco para admirar a obra: um pentagrama todo torto, de cabeça para baixo, ao lado da palavra Lúcifer (escrita sem acento e com maiúsculas, revelando a baixa qualidade do ensino fornecido aos jovens ao longo dos anos).

O responsável pela arte saca da mochila uma câmera digital e um flash ilumina por um breve instante a noite escura e silenciosa, registrando o grande feito da dupla para a posterioridade. Era madrugada de domingo e a ideia era surpreender os fiéis logo na primeira missa da manhã. Eles já iam batendo em uma bem-sucedida retirada quando uma voz seca e firme os fez pararem, estatelados:

- ESPEREM!

Voltaram-se para trás. Obviamente, sabiam que deveriam ter corrido com todas as suas forças, mas por algum motivo desconhecido não o fizeram.

A palavra "congelados" serviria muito bem no momento.

Uma figura pálida e esguia, de batina preta e colarinho branco os encarava com censura nos olhos. Não era o padre da paróquia, e para dizer a verdade, não se parecia com nenhum dos padres que atuavam na cidade. Eles não se lembravam de já o terem visto por aí antes. Fitavam o homem, assustados, enquanto esse fazia sutilmente um gesto negativo com a cabeça.

- Tsc, tsc... Não é assim que a coisa funciona, meus filhos... - os jovens se entreolharam assustados com o sinistro timbre de voz. - Não é assim que se faz MESMO!

- Você viu...? - balbuciou um para o outro, aterrorizado perante as oscilações de cor dos olhos da criatura a sua frente, que ia do amarelo ao vermelho, passando por tons púrpuras.

- São anos e mais anos agindo na surdina, comendo pelas beiradas, vocês acham que é alguma vantagem para nós escancararmos as coisas desse jeito?

Se fosse possível perguntar por mais detalhes a algum dos rapazes, eles jurariam que havia uma cauda pontiaguda serpenteando atrás de seu interlocutor, podendo ser vista por sobre seus ombros, apontando para cima, bem como os chifrinhos protuberantes em sua testa. E o cheiro?

Enxofre puro. Embora eles nunca tivessem sentido cheiro de enxofre, sabiam que aquilo era enxofre.

- Voltaremos a nos encontrar um dia. Pode ser logo ou pode demorar, mas guardem bem isso: nos veremos novamente. Se quiserem que seja logo, basta repetir o erro de hoje - e, dizendo isso, o sinistro padre desapareceu num lampejo rápido, idêntico ao flash da câmera.

Quando voltaram a si, o primeiro garoto ainda estava com o spray na mão, instantes antes de começar a desenhar. O outro havia acabado de se colocar a postos para vigiar. Soltaram um grito estridente antes de saírem correndo, abandonando a mochila com a câmera, a lata de tinta e muitas de suas convicções.

Meu mel

Sussurro safadezas
no ouvido seu;
Cheia de tesão e meladinha,
teu mel é meu!

O defunto pensante

Era uma vez uma pequena e pacata cidadezinha cujos moradores não estavam nem aí para as campanhas de doação de sangue realizadas pelo modesto hospital local.

Um belo dia um cidadão morreu justamente pela falta desse precioso líquido vermelho, que estava em falta na instituição devido ao fato de a cidade estar em débito com o Banco de Sangue localizado no Hemocentro mais próximo.

Apareceu então uma porção de gente querendo aparecer em cima da situação: a família do defunto ficou revoltada e ameaçou processar meio mundo, os locutores esbravejaram nas rádios locais que a situação da saúde da cidade estava crítica, os jornais publicaram extensos editais sobre a precariedade do SUS, os políticos jogaram a batata quente pra frente e o povo foi fazer o que de melhor sabia fazer, que era futricar na rua.

Mas, e o cadáver? O cadáver continuou lá, deitado quietinho numa maca fria e coberto por um lençol branco e áspero, pacientemente aguardando seu velório e sepultamento, pensando que se alguns desses filhos da puta que tanto falam agora tivessem ido doar seu precioso sangue antes, nada disso estaria acontecendo...

O merecido fim do Sr. Duncan

O Sr. Duncan não gostava de bichos: atirava com sua espingarda de pressão nos passarinhos que pousavam em seu quintal e envenenava todos os cachorros e gatos da vizinhança.

"Não gosto de bicho" - dizia de boca cheia o Sr. Duncan, que um belo dia foi encontrado morto - todo vomitado, cagado e mijado, vertendo sangue por vários orifícios do corpo, com os olhos arregalados e os dentes fortemente cerrados numa careta moldada pela dor agonizante que foi sua única companheira em seus últimos instantes de vida.

O Sr. Duncan fora envenenado.

Tem gente que não gosta de gente que não gosta de bichos.